

Título completo do manuscrito: Envelhecer com as memórias da guerra: vulnerabilidades em contexto de crise sanitária

Título resumido do manuscrito: Envelhecer com as memórias da guerra

Sara Silva

Universidade de Évora, CICS.NOVA.UÉvora
| d50858@alunos.uevora.pt
ORCID: 0009-0005-9109-8836

Ana Romão

Academia Militar/CINAMIL, CICS.NOVA | anaromao74@gmail.com
ORCID: 0000-0002-9791-5172

Maria Da Saudade Baltazar

Universidade de Évora, CICS.NOVA.UÉvora | baltazar@uevora.pt
ORCID: 0000-0002-2995-820X

Luís Baptista

Universidade NOVA de Lisboa, FCSH | CICS.NOVA; luisv.baptista@fcs.unl.pt ,
ORCID: 0000-0001-6228-1301

Resumo

Estimativas da Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional e da Associação dos Deficientes das Forças Armadas apontam para um universo de cerca de 400 mil antigos combatentes (AC), com idades compreendidas entre os 61 e os 80 anos. Quando ao envelhecimento se associam vulnerabilidades na saúde física e psicológica, como acontece frequentemente com os AC, estamos perante um campo de investigação pouco explorado no contexto nacional.

Tradicionalmente, as associações de AC têm desempenhado papéis relevantes na sinalização pública dos problemas e na promoção do bem-estar dos antigos militares. Durante a pandemia Covid-19, essa capacidade de ação foi fortemente afetada pelas

restrições inerentes ao estado de emergência. Uma das consequências foi a disrupção nas relações sociais causada pelos períodos de confinamento, com impacto no isolamento social e nos sentimentos de solidão. O objetivo deste artigo é precisamente refletir sobre o impacto da pandemia nos AC e na capacidade de ação das suas associações, enquanto o “*novo normal*” introduziu o distanciamento social como medida de saúde pública. Utilizamos uma metodologia qualitativa, através de um estudo de caso exploratório realizado no núcleo da Liga dos Combatentes, em Vendas Novas, com a aplicação de entrevistas aos seus associados. Os resultados evidenciam o valor da ação das associações na vida destes indivíduos, sobretudo em termos das sociabilidades que se tornam possíveis nestes ambientes e propiciam a partilha de memórias da guerra. Do trabalho realizado também se infere a necessidade de conhecer melhor as condições objetivas e subjetivas do que significa envelhecer com as memórias da guerra.

Palavras-chave: antigos combatentes; envelhecimento; isolamento social; solidão.

Introdução

As estimativas oficiais da Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (2020) apontam para cerca de 400 mil AC da Guerra Colonial Portuguesa, com idades compreendidas entre os 61 e os 80 anos (Associação dos Deficientes das Forças Armadas [ADFA], 2020). As associações de AC têm desempenhado papéis muito relevantes na sinalização pública dos problemas que frequentemente decorrem de traumas sofridos durante o serviço militar e que afetam duradouramente o bem-estar dos antigos militares e das suas famílias (Madeira et al. 2022; Silva, 2021; Vieira et al. 2021). Comparativamente com a população em geral, os AC têm mais problemas de saúde física e são mais afetados por problemas de saúde mental, como o stress pós-traumático de guerra (Purcell et al., 2021).

A relevância social de tais problemas e os desafios que se colocam à investigação está na origem da criação em Portugal do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar, que tem como objetivo recolher, analisar e produzir informação sobre o impacto de fatores de stress na saúde e bem-estar psicossocial nos militares e ex-militares e familiares (Lei n.º 46/2020, artigo 12.º).

As vulnerabilidades no âmbito da saúde física e psicológica dos AC inspiram mais cuidados quando conjugadas com as circunstâncias do envelhecimento (Correia, 2015), sendo que os processos de adaptação aos níveis individual e coletivo constituem um campo de investigação ainda pouco explorado no contexto nacional (Sales, Borges & Becker, 2020). Não obstante, cenários preocupantes, em termos de saúde, qualidade de vida, contextos de integração, e apoio social têm sido referidos em estudos exploratórios que nos alertam para setores de “uma população envelhecida, na qual as feridas da guerra se juntam às da velhice e da pobreza” (Lima, Moleiro & António, 2021, p. 42).

Uma das consequências da pandemia Covid-19 foi a disrupção nas relações sociais causada pelos períodos de confinamento, com impacto no isolamento social e nos sentimentos de solidão. No caso dos AC registaram-se impactos ao nível do bem-estar emocional, com sentimentos de solidão e tristeza, principalmente potenciados pelas situações de isolamento e pela interrupção das rotinas quotidianas, que arrastaram “sentimentos de limitação” e sensação de perda” (Purcell et al., 2021, p. 6). De uma forma geral, o isolamento social é uma situação que preocupa os idosos e principalmente quem está em situação de maior vulnerabilidade (Luísa, 2021).

Em suma, um conjunto de fatores contribuiu para uma maior vulnerabilidade neste grupo, particularmente aqueles que experienciaram situações traumáticas vividas durante o serviço militar. Os contextos do *novo normal*, marcado pela quebra das interações sociais, com impacto na redução da rede de apoio social também levou à sensação de isolamento e abandono. A rutura destes laços contribui assim para agravar os sentimentos de solidão (Alvino-Borba & Mata-Lima, 2011). Os cuidados redobrados que os comportamentos coletivos impunham aos grupos de risco, para melhor os proteger do risco de contaminação, contribuíram simultaneamente para um aumento do distanciamento social. Ao mesmo tempo, importa recordar que o próprio acesso aos serviços de saúde, especialmente de saúde mental, não deixou de ser afetado, dando visibilidade à fragilidade existente nas estruturas de apoio (Marina & Conceição, 2020). A “crise sanitária deu visibilidade à fragilidade estrutural dos direitos fundamentais das pessoas vulneráveis ou em situação de risco” (Henrique & Gomes, 2020, s.p.).

Para enfrentar este cenário, é crucial conhecer as situações concretas e proporcionar apoio aos afetados, uma vez que a recuperação desses efeitos não ocorre de forma

imediate e espontânea. São então de considerar os vários atores, como o Estado, as associações de AC e outras instituições de cariz social, aos quais compete um papel importante na oferta de recursos e serviços para mitigar os efeitos da pandemia e promover o bem-estar a longo prazo destes cidadãos (Butler, 2020).

Decorrente do exposto, o objetivo da presente comunicação é refletir sobre o impacto da pandemia nos AC e na capacidade de ação das suas associações para mitigar os efeitos desta crise de saúde pública junto dos seus associados.

Métodos

Para a presente investigação, foi adotada uma metodologia qualitativa. Este tipo de abordagem permite explorar e compreender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um determinado problema ou situação. A coleta de dados faz-se normalmente no contexto em que se inserem os participantes objeto do estudo, procurando-se, assim, uma compreensão aprofundada das realidades em causa (Creswell, 2014; Gil, 2008). Deste modo, realizou-se um estudo de caso exploratório, no núcleo da Liga dos Combatentes (LC) em Vendas Novas.

Antes da recolha dos dados, procedeu-se à revisão da literatura sobre o tema. Esta, além dos contributos para a elaboração da problemática, concorreu para a elaboração do guião da entrevista. Antes de se iniciar a recolha de dados, estabeleceu-se contacto com os responsáveis do núcleo, para apresentar o estudo e solicitar colaboração, quer no acesso à documentação, quer na facilitação do acesso aos entrevistados.

Para a participação no estudo, foram definidos dois critérios: ser associado da Liga e ter participado na Guerra Colonial. Os entrevistados foram selecionados através do método bola de neve. A realização da entrevista implicou contatos prévios, para assegurar o acesso de acordo com a ética da investigação e obtenção do consentimento informado (especialmente importante, dada o potencial impacto emocional da temática).

Aplicaram-se entrevistas semiestruturadas, uma vez que esta tipologia permite flexibilidade na dinâmica com que os tópicos vão sendo abordados. Estes incluíram a seguinte estrutura: Caracterização sociodemográfica; Contexto da participação na Guerra Colonial; Sistemas de acompanhamento para a promoção de bem-estar; Impacto da pandemia Covid-19 nos AC; e, por último, Perceções sobre as trajetórias de vida e a saúde dos AC.

Realizaram-se sete entrevistas, com uma duração média de cerca de uma hora. Em conformidade com o que foi acordado, as entrevistas foram gravadas, decorreram na sede do núcleo e tiveram uma duração média de cerca de uma hora. A respetiva análise iniciou-se com a transcrição, sujeita posteriormente a uma análise de conteúdo, cujos resultados se apresentam em seguida.

Resultados

No que concerne à caracterização sociodemográfica (quadro 1), estamos perante uma população idosa, com uma média de idades de 79 anos. Só um dos nossos entrevistados não nasceu no Alentejo. Todos vivem em Vendas Novas, com exceção de um, que reside a cerca de 80 quilómetros.

As habilitações da maioria são antiga 4ª classe que corresponde ao atual 4º ano de escolaridade. Estas eram as habilitações mínimas obrigatórias para quem nascia antes de 1 de janeiro de 1967.

Todos têm como fonte de rendimento reforma e o suplemento especial de pensão pelo serviço militar na Guerra Colonial, à exceção do Deficiente das Forças Armadas (DFA) que tem uma pensão de invalidez. Apenas um dos entrevistados foi militar de carreira.

Quadro 1

Caraterização sociodemográfica dos antigos combatentes

EN	Idade	Residência	Habilitações	Fontes de rendimento	Estado Civil	Filhos	Agregado familiar
1	79	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e Supl. Especial pensão	Casado	2	Cônjuge, 2 filhos e neto
2	78	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e Supl. Especial pensão	Casado	2	Cônjuge
3	83	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e Supl. Especial pensão	Casado	2	Cônjuge
4	75	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e Supl. Especial pensão	Casado	1	Cônjuge
5	74	Almada	2º ano do liceu	Reforma e Supl. Especial pensão	Casado	Não	Cônjuge
6	83	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e Supl. Especial pensão	Viúvo	1	Filho e neta
7	81	Vendas Novas	4ª classe	Reforma e pensão de invalidez	Casado	2	Cônjuge

Fonte: Elaboração própria.

O suplemento especial de pensão corresponde a um montante calculado em função do tempo de serviço militar prestado em condições especiais de dificuldade ou perigo,

sendo atribuído 75€ com bonificação de tempo de serviço até 11 meses; 100€ para tempo de serviço entre 12 e 23 meses; e 150€ aos que detenham uma bonificação de tempo de serviço igual ou superior a 24 meses (Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional, 2022).

A pensão de invalidez (Decreto-Lei n.º 45684 de 27 de abril de 1964) é concedida aos militares dos três ramos das Forças Armadas não pertencentes ao quadro permanente quando no cumprimento do seu serviço militar venham a sofrer de impotência funcional. Cumpriram em média 24 meses de serviço militar, à exceção do entrevistado que foi militar de carreira e do DFA.

Neste último caso, a missão terminou ao fim de cinco meses e meio, na sequência de um acidente na guerra. Em sete entrevistados, cinco estiveram na Guiné, considerada por estes como a “*pior zona*”. Quatro participaram em ações de combate e três desempenharam outras funções, como mecânicos e motoristas.

O facto de não participarem em ações de combate não impede que tenham sido afetados psicologicamente pelo cenário de guerra vivido. É fundamentalmente entre camaradas que se partilham as memórias de guerra, mas também as mulheres e outros familiares podem ser envolvidos nesse falar da guerra. (quadro 2).

As memórias já não têm impacto no seu dia-a-dia, o tempo ajudou a esquecer, mas dois entrevistados ainda se sentem afetados, no mínimo ocasionalmente. As recordações da guerra não influenciaram as suas relações familiares, pese embora estejam bastante presentes nos AC que fazem questão de partilhá-las entre si.

Quadro 2

Memórias da guerra dos antigos combatentes

Memórias da Guerra				
AC	Com quem partilha	Sentimentos	Impactos no dia-a-dia	Influência nas relações familiares
1	Mulher e camaradas	Alívio de ansiedade	Tem	Não tem influenciado
2	Camaradas, filhos e genros.	Mistura de revolta	Às vezes tem "depende do estado de espírito"	Não (mas não aborda o tema com a mulher)
3	Família e camaradas	Força	Não tem impacto	Não tem influenciado
4	Mulher e camaradas	Revolta	Não tem impacto	Não tem influenciado
5	Mulher e camaradas	Não sente nada	Não tem impacto	Não tem influenciado
6	Mulher e camaradas	Saudades (da Guiné)	Não tem impacto	Não tem influenciado (teve sempre a mulher e o filho com ele)
7	Camaradas	Felicidade por estar cá	Não tem impacto	Não tem influenciado

Fonte: Elaboração própria

A percepção que têm face ao reconhecimento social por terem cumprido serviço militar durante a guerra divide os entrevistados: quatro consideram que não foram compensados e três pensam de modo diferente. Um destes ilustra o seu pensamento referindo que teve direito a recorrer ao Hospital Militar, antes do 25 de abril teve assistência na doença, tendo-lhe sido dada a oportunidade para continuar a ser militar, a qual recusou por já ter vida profissional estável.

Relativamente à ligação com a LC, quatro entrevistados têm uma longa ligação à associação; os restantes ingressaram há 20 anos ou menos (quadro 3). Todos destacam o convívio como a razão principal pela qual procuram os serviços da associação, permitindo cultivar amizades, manter vivas as memórias e combater o isolamento.

Apesar das idades avançadas, dois entrevistados assumem papel de cuidador dos respetivos cônjuges, circunstância que lhes restringe as possibilidades de convivialidade e alerta para a necessidade de se pensarem serviços articulados a uma diversidade de perfis.

Quadro 3

Ligação à associação

AC	Membro da associação	Serviços da associação	Resposta às necessidades	Benefícios das atividades culturais
1	50 anos	Convívio	Insuficientes	Conviver e manter a amizade
2	16 anos	Convívio	Insuficientes	Combater o isolamento
3	59 anos	Convívio	Suficientes	Conviver e manter a amizade
4	20 anos	Convívio	Suficientes	Conviver e manter a amizade
5	8 anos	Convívio	-	Importante para partilhar memórias
6	55 anos	Convívio	Suficientes	Importante para partilhar memórias
7	Liga – 60 anos ADFA – 48 anos	Convívio	Suficiente	Conviver e manter a amizade

Fonte: Elaboração própria

As respostas das associações às necessidades sentidas dos AC são consideradas genericamente suficientes. Os dois entrevistados que as consideram insuficientes reconhecem que é complicado melhorar e que “*não podem fazer mais*” com os recursos que têm disponíveis. Convidados a mencionar os benefícios a que têm direito como membros da LC, os entrevistados mencionam a obtenção de descontos na aquisição de serviços médicos e de saúde.

Quando questionados sobre o impacto da pandemia Covid-19 na sua saúde física e mental, os entrevistados não se sentem particularmente afetados (quadro 4). Porém ocorreram-lhes reminiscências relacionadas com a guerra e o teatro de operações em que serviram (memórias declaradas por cinco entrevistados). Como recordaram os entrevistados 1 e 3, respetivamente: “*Pensava muito na morte*”; “*a pandemia era outra guerra, mas muito diferente*”.

O medo fez parte da situação pandémica: “*tinha medo e cuidado, é uma das coisas que aprendi na guerra. Quando o inimigo é forte a gente temos de recuar, era o caso da pandemia*” (E2); “*Tive medo de apanhar, tanta gente a adoecer e com medo que me calhasse a mim*” (E6). Sobre o papel da associação, consideram que teve importância e mantiveram o contacto à distância, através de telefonemas. Apenas dois entrevistados não reconheceram a importância do núcleo nas suas vidas e acabaram por se afastar da associação durante o período pandémico.

Quadro 4

Impacto da pandemia Covid-19

AC	Implicações na saúde física/mental	Pensamentos sobre a experiência na guerra	Sentimentos recorrentes	Papel da associação
1	Não	Sim	Estava acomodado e calmo com a situação	Mantiveram o contacto à distância
2	Não	Não	Medo	Mantiveram o contacto à distância
3	Não	Sim	Sentiu-se "normal"	Não reconhece importância durante este período
4	Não	Não	Medo	Não reconhece importância durante este período
5	Não	Sim	Sentiu-se "normal"	Mantiveram o contacto à distância
6	Não	Sim	Medo	Mantiveram o contacto à distância
7	Não	Sim	Medo	Mantiveram o contacto à distância

Fonte: Elaboração própria

Em relação às trajetórias de vida e, mais especificamente, à sua saúde (quadro 5), quatro dos AC afirmam que, considerando a idade, a sua situação sua saúde está boa. Dois referem que está mais ou menos, enquanto o 1º entrevistado considera que a sua saúde está fraca, relacionado espontaneamente esse facto com as condições que vivenciou na Guiné, “(...), *chegámos a beber água podre*”.

Quando comparados com outros AC que conhecem, a maioria considera que a sua saúde é semelhante, enquanto três deles afirmam que estão em melhor estado de saúde do que muitos AC que conhecem. Dão exemplos de casos graves e situações precárias, como a questão dos sem-abrigo nas grandes cidades e AC com problemas de saúde mental que serviram com eles durante o serviço militar.

Por fim, comparando a sua saúde com pessoas da mesma idade que não participaram na guerra, os entrevistados tendem a considerar que a sua saúde está pior: “*Voltamos velhos da guerra, fui para lá gaiato*” (E1). As condições experienciadas na Guiné surgem como nexos de causalidade: “*O clima da Guiné é muito complicado, é muito húmido e quente e quem não foi lá, não sofreu na pele aquelas temperaturas, muito calor e muito frio de madrugada*” (E2).

Quadro 5

Trajétórias de vida: a saúde dos AC

AC	Situação atual de saúde	Saúde comparativamente com os antigos combatentes que conhece	Saúde comparativamente com pessoas da sua idade que não participaram na guerra
1	Baixa	Idêntica	Pior
2	Boa	Idêntica	Pior
3	Boa	Melhor	Idêntica
4	Mais ou menos	Idêntica	Pior
5	Boa	Melhor	Idêntica
6	Boa	Melhor	Idêntica
7	Mais ou menos	Idêntica	Pior

Fonte: Elaboração própria

Por sua vez, três entrevistados consideram ter um nível de saúde semelhante aos indivíduos que não foram à guerra *“Eu sinto-me tão bem hoje como me sentia há 40/50 anos, só que com a idade as pernas já não são as mesmas”* (E6). *“Diria que tendo em conta a minha idade, tenho os problemas inerentes à mesma”* (E2). Para estes AC, os condicionamentos em termos de saúde não se relacionam com a presença na guerra, mas sim com processo de envelhecimento inerente à idade.

Os AC acreditam que os vários problemas sociais podem ser superados com o auxílio financeiro, como o aumento dos subsídios e das pensões, bem como o apoio das instituições na área da assistência médica. Quanto à prestação de apoio para melhorar o bem-estar dos AC nas idades mais avançadas, a resposta é unânime: o Estado deve ser o responsável pela assistência socioeconómica e médica.

Discussão

Os resultados permitiram uma incursão pelas experiências vivenciadas e pelas memórias dos AC, durante o período da pandemia covid-19.

Seguindo as narrativas dos próprios, o tempo tem feito o seu papel. As memórias da guerra já não afetam as relações familiares, ainda que dois entrevistados considerem que elas estão presentes no dia-a-dia, ou pelo menos ocasionalmente. As vivências em torno do núcleo estudado (LC de Vendas Novas) evidenciam uma forte centralidade na convivialidade que esses lugares proporcionam e que constituem também a oportunidade para manter e reforçar amizades, entre camaradas. É mormente entre

camaradas que todos recordam os tempos em África.

Deste modo, apesar do silenciamento na sociedade portuguesa em relação à guerra (Caiado, Ferreira & Cardina, 2021), as vivências que os entrevistados reportam permitem salientar o seu papel de “agentes do processo de memorialização da guerra” (Caiado, Ferreira & Cardina, 2021).

Ter estado na guerra não determina necessariamente a trajetória de vida. Mas, dois entrevistados expressaram o quanto ficaram marcados: “*Vim de lá outra pessoa, muito mais adulto*” (E5); “*Voltamos velhos da guerra, fui para lá gaiato*” (E1); num sentido algo diferente, outros entrevistados revelam que a guerra os tornou mais “*fortes*” (E3), e que a experiência acumulada foi permitindo “(...) dar sempre a volta por cima” (E6).

As perceções relativamente ao reconhecimento e compensações pela participação na guerra, revelam uma certa frustração decorrente do que consideram ser o reconhecimento insuficiente por parte do Estado, aspetos evidenciados também em outros estudos (nomeadamente, Correia 2015).

Ao contrário do que se evidenciou na revisão bibliográfica, as narrativas dos entrevistados tendem a não valorizar o impacto da pandemia Covid-19 na sua saúde física e mental. O facto de Vendas Novas ser um espaço ainda com características rurais, de sociabilidades próximas e redes familiares intensas poderá ter contribuído para criar resiliência nestes AC, que se mantiveram ativos em torno do cultivo da horta, tal como relataram. Contudo, as suas narrativas não deixam de aludir a sentimentos negativos como o medo e as lembranças da morte e da guerra.

Quanto ao papel da associação a que pertencem, tendem a avaliá-lo positivamente: “*Eles cá também não podem fazer mais. Embora a gente precise sempre mais*” (E4). Essa compreensão parece associar-se ao reconhecimento de uma incapacidade para respostas mais adequadas face às emergências sociais (Henriques & Gomes, 2020).

Segundo os entrevistados, as dificuldades encontradas nos AC com idades mais avançadas são os problemas de saúde mental, as situações de sem-abrigo, dificuldades económicas e de acesso à saúde. Tais dificuldades agravam-se com a idade, pelo que o impacto do envelhecimento nos problemas sentidos pelos AC carece de conhecimento aprofundado, como também salientam outros autores (Maia & Morgado, 2021).

O estudo exploratório foi restrito ao estudo de caso no núcleo da Liga de Vendas Novas,

e, portanto, os dados não podem ser generalizados para os resultados dos AC em geral. A realidade encontrada no estudo pode não ser a mesma em outras regiões do país ou para outros grupos de AC, como se verifica pela literatura consultada. Apesar das limitações, o estudo ainda permitiu identificar várias pistas de investigação para pesquisas futuras com uma amostra mais ampla de AC, abrangendo diferentes regiões do país, com foco nas representações sociais que os AC têm em relação ao seu processo de envelhecimento.

Conclusão

Persiste a necessidade de aprofundar a compreensão do envelhecimento nos AC e das vulnerabilidades associadas, com destaque para aquelas que são provenientes do serviço militar, em particular o stress de guerra.

Apesar do período conturbado da pandemia de Covid-19 ter introduzido importantes preocupações nas vidas dos entrevistados estudados, fazendo emergir sentimentos de solidão e de medos relacionados com a guerra, estes demonstraram resiliência na superação dos seus efeitos. Com apoio de redes sociais, como família e associações de AC, em geral, não mencionam impactos e efeitos duradouros deste período. A convivialidade que o núcleo associativo proporciona é também o espaço das memórias, os lugares da partilha entre camaradas.

Referências Bibliográficas

- Alvino-Borba, A & Mata-Lima, H. (2011). Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. *Serviço Social & Sociedade* (106), 219-240. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000200003>
- Associação dos Deficientes das Forças Armadas. (2017). *Deficientes das Forças Armadas - A Geração da Rutura*. Lisboa: Edições Parsifal, Lda.
- Butler, A. (2020). Supporting Veterans during COVID-19 and Beyond. *National League of Cities*. <https://www.nlc.org/article/2020/11/11/supporting-veterans-during-covid-19-and-beyond/>
- Caiado, A., Ferreira, V. & Cardina, M. (2021). Os regressos da guerra: espaço público, mundo digital e (re)produções mnemónicas. *Ler História* (79), 215-240.

<https://doi.org/10.4000/lerhistoria.9489>

- Correia, D. (2015). *A condição de idoso antigo combatente: Relatos de vida, Vulnerabilidades e Processos de reconhecimento público*. Portalegre: Dissertação de Mestrado em Gerontologia: Instituto Politécnico de Portalegre.
- Creswell, J., W. (2014). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional. (2022). *Estatuto do Antigo Combatente NOVO. República Portuguesa: Defesa Nacional*. Disponível em: https://bud.gov.pt/fls/docs/ac/dgrdn_ac_faqs_2022-01-06.pdf
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Editora Atlas.
- Henriques, M. & Gomes, C. (2020), "Vulnerabilidades sociais e direitos", *Palavras para lá da pandemia: cem lados de uma crise*. Disponível em: <https://ces.uc.pt/publicacoes/palavras-pandemia/?lang=1&id=30401>. ISBN: 978-989-8847-24-9
- Lei 46/2020, de 20 de agosto da Assembleia da República. (2020). *Diário da República* n.º 162/2020, Série I de 2020-08-20.
- Lima, M. L., Moleiro, C., & António, R. (2021). *Projeto de Estruturação do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar. Relatório de Apresentação de Resultados, Área Psicossocial: Estudo Piloto de Caracterização da Qualidade de Vida de Antigos Combatentes*. Lisboa: CIIS, Centro de Investigação e de Intervenção Social. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/adesaeeu/ac/crscm/investigacao/Documents/04_ISCTE_Relatorio_inquerito_fev2021_final_rev.pdf -
- Luísa, C. (2021). O impacto da pandemia covid-19 na vida dos idosos: perceção e mudança. *INFAD Revista de Psicologia* (3), 29-40.
- Madeira, I., Afonso, C., Vieira, I., Romão, A., Baltazar, M. S., & Baptista, L. (2022). *Políticas dirigidas aos antigos combatentes e deficientes militares*. Em N. S. Teixeira e H. Carreiras (coord.) *Políticas de Defesa em Portugal*, (pp. 203-228). Lisboa: IDN
- Maia, Â. & Morgado, D. (2021). *Centro de Recursos de Stress (em Contexto) Militar: Relatório Final relativamente à Área Psicológica*. Braga, Centro de Investigação em Psicologia da Universidade do Minho. Disponível em:

- https://www.defesa.gov.pt/pt/adesaeeu/ac/crscm/investigacao/Documents/06_UMinho_Relatorio_MinisDefesa_area_psicologica.pdf
- Purcell, N., Sells, J., McGrath, S., Mehlman, H., Bertenthal, D. & Seal, KH. (2021). “Then COVID happened...”: Veterans’ Health, Wellbeing, and Engagement in Whole Health Care During the COVID-19 Pandemic. *Global Advances in Health and Medicine* (10), 1-15. 10.1177/21649561211053828
- Sales, L., Borges, C. & Becker, J. (2021). *Relatório Final Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar*. Centro de Trauma/Centro de Estudos Sociais. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/adesaeeu/ac/crscm/investigacao/Documents/01_CES-CT_Relatorio-final-CRSCM-VF-abril.pdf
- Silva, S. (2021). *Veteranos da Guerra Colonial Portuguesa: políticas públicas e associativismo*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/30758>
- Vieira, I., Baptista, L., Romão, A., Baltazar, S., & Silva, S. (2021). *Políticas públicas de resposta ao stress militar desde a I Guerra Mundial. Relatório da equipa da área sociológica do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar*. CICS.NOVA — Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/adesaeeu/ac/crscm/investigacao/Documents/03_CICS-NOVA_Relatorio-Final-CRSCM_rev.pdf.

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

“Os autores declaram não existir qualquer conflito de interesse”.